



Anais do XVI Simpósio de Pesquisa, Tecnologia e Inovação.

Itumbiara
2015

AVALIAÇÃO DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E HABILIDADES SOCIAIS EM ESTAGIÁRIOS DE PSICOLOGIA CLÍNICA

Ana Carolina Rimoldi de Lima^{1*}, Públio Ribeiro Bianchini², Vitória de Paula Bastos³

¹Mestre em Psicologia da Saúde com ênfase em Processos Cognitivos pela Universidade Federal de Uberlândia – Minas Gerais [*rlanacarolina@yahoo.com.br](mailto:rlanacarolina@yahoo.com.br), ²Discente do Curso de Bacharelado em Psicologia pelo ILES/ULBRA – Itumbiara – Goiás, ³Discente do Curso de Bacharelado em Psicologia pelo ILES/ULBRA – Itumbiara - Goiás.

RESUMO – A formação de um psicoterapeuta envolve o ensino e aprendizagem de habilidades especiais, as quais permitirão que o psicoterapeuta realize uma “leitura” clinicamente coerente de seu cliente, de modo a ser capaz de propor uma intervenção eficaz. Esta “leitura” depende não somente de competência técnica, mas de habilidades pessoais tais como Inteligência Emocional (IE) e Habilidades Sociais, as quais podem atuar como facilitadores do vínculo terapêutico. Neste contexto, realizou-se uma pesquisa de levantamento quantitativo, cujo objetivo foi verificar o nível das variáveis (Inteligência Emocional e Habilidades Sociais) em uma amostra de estagiários de Psicologia Clínica em uma universidade do interior do estado de Goiás. Os instrumentos de avaliação foram o MIE (Medida de Inteligência Emocional) e o IHS (Inventário de Habilidades Sociais), os quais foram avaliados quanto aos escores obtidos por cada sujeito para compor os resultados deste estudo. **PALAVRAS-CHAVE:** Inteligência Emocional, Habilidades Sociais, Avaliação Psicológica, Estagiários em Psicoterapia

apenas, é necessário criar um ambiente propício à mudança terapêutica, no qual o cliente se sinta acolhido e encorajado a engajar-se na psicoterapia. Essas habilidades, por vezes, tornam-se desafiantes ao estagiário de Psicologia Clínica.

Dentre as habilidades do psicoterapeuta, inicialmente são necessárias as habilidades de ouvir atenciosamente e observar cuidadosamente os aspectos não verbais da expressão do cliente. A partir de então é possível se compreender a queixa do cliente e definir um plano de ação. Entretanto, ao longo de todo o processo terapêutico o terapeuta executa uma série de outras habilidades, tais como: orientação, empatia, aceitação sem julgamentos morais e raciocínio clínico. Este último envolve compreender a queixa do cliente a partir de um referencial teórico cientificamente sustentado. Ademais, a própria expressão do terapeuta exerce um papel importante na terapia, a saber, seu repertório afetivo, sua “postura corporal, tom e velocidade da voz, contato visual, expressão facial e de sentimentos” (BITONDI; SETEM, 2007, p. 204), fatores esses que podem ser facilitadores da formação do vínculo terapêutico.

INTRODUÇÃO

A formação de um psicoterapeuta envolve o ensino e aprendizagem de habilidades especiais. O psicoterapeuta precisa cuidar não apenas de aprender suas habilidades profissionais, mas também a aprender a realizar uma “leitura” de seu cliente, compreendendo de forma empática suas dificuldades, a relação dessas com o histórico de vida do cliente, além de reconhecer as potencialidades do mesmo. Entretanto, um desafio ao psicoterapeuta é que, não basta compreender para si próprio

Assim, pode-se enquadrar as habilidades do terapeuta em 3 grupos gerais: 1) sólido conhecimento do modelo terapêutico; 2) habilidades de interação interpessoal; 3) habilidades de reconhecimento e manejo de emoções (suas e do cliente). Essas duas últimas habilidades remetem a dois constructos estudados pela Psicologia: a Inteligência Emocional (IE) e as Habilidades Sociais (HS). O constructo da Inteligência Emocional (IE) engloba pesquisas e conhecimentos advindos de duas áreas: da

inteligência e da emoção. Os estudos da inteligência remontam ao século XIX e suas orientações mantiveram-se inicialmente em dois eixos: a inteligência como um fator geral que engloba várias habilidades cognitivas, ou como um conjunto de aptidões independentes. Enquanto que nos estudos da emoção, parte-se de concepções que a definem como respostas fisiológicas e sua respectiva percepção no organismo, em meados do século XIX, até a compreensão, já no século XX, de que parte do processamento emocional depende da atividade neocortical, isto é, de “capacidades intelectivas específicas para a decodificação dos estados emocionais e de todas as informações por ele produzidas” (SIQUEIRA; BARBOSA; ALVES, 1999, p. 145).

Dessa forma, as conceituações de emoção e inteligência foram se aproximando, o que contribuiu para o surgimento do conceito de Inteligência Emocional (IE). A IE apresenta dois enfoques conceituais distintos, porém ambos consideram que as emoções favorecem o comportamento adaptativo em diversos contextos e que esta adaptação depende de habilidades de perceber, compreender, regular e utilizar as emoções para resolver problemas interagir com o ambiente. Além disso, essas habilidades diferenciam-se entre os indivíduos e são aprendidas com o desenvolvimento (SIQUEIRA; BARBOSA; ALVES, 1999)

As HS envolvem uma classe de comportamentos voltada à interação social. Existe certa dificuldade na definição de comportamento socialmente habilidoso, uma vez que esse depende de características culturais e individuais, como atitudes, valores, crenças, capacidades cognitivas, estilo e intenção da interação, de modo que a definição deve perpassar pela efetividade do comportamento, e não apenas por sua topografia. Consideradas essas ressalvas, de maneira geral “espera-se que o comportamento socialmente habilidoso produza reforçamento positivo mais frequentemente que punição” (CABALLO, 2003, p. 365).

No entanto, uma ressalva deve ser feita com relação ao desempenho social e as habilidades sociais. O desempenho social nada mais é do que comportamentos emitidos em um contexto social. Não há nenhum critério sobre a adequação ou não destes comportamentos. Já as habilidades sociais constituem um repertório comportamental especial, isto é, com características próprias. Essas características dizem respeito à adequação do comportamento às demandas contextuais, de modo que o repertório comportamental do indivíduo seja modulado com vistas a beneficiar tanto a si próprio quanto aos outros (ANGÉLICO; CRIPPA; LOUREIRO, 2006). Ademais, a conduta socialmente habilidosa não depende apenas de características pessoais do agente, mas sim de uma combinação entre três fatores: “uma dimensão comportamental (tipo de habilidade), uma dimensão pessoal (as variáveis cognitivas) e uma dimensão situacional (o contexto ambiental)” (CABALLO, 2003, p. 365).

METODOLOGIA

Este estudo foi caracterizado como uma pesquisa de levantamento de caráter quantitativo-descritivo, uma vez que consistiu em uma investigação das variáveis IE e HS na amostra selecionada. Enquadra-se como pesquisa aplicada, pois avaliou como construtos psicológicos são demonstrados na prática clínica dos estagiários de Psicologia, por meio de avaliação psicológica da amostra. Deste levantamento resultaram parâmetros quantitativos (escores médios nos instrumentos) os quais representam o grau em que as variáveis foram encontradas na amostra de acordo com as normas de aplicação e correção de cada um dos instrumentos (CASTILHO; BORGES; PEREIRA, 2011).

O objeto de estudo deste trabalho foram 18 estagiários de Psicologia Clínica, de ambos os sexos, todos com idades acima de 18 anos, estudante de uma Universidade do interior de Goiás.

Os materiais utilizados foram os inventários de avaliação das variáveis e canetas para que os sujeitos pudessem respondê-los. Os inventários utilizados foram:

MIE (Medida de Inteligência Emocional de Siqueira, Barbosa e Alves, 1999): o instrumento consiste em 59 itens escalares com quatro pontos cada um (1- nunca; 2- poucas vezes; 3- muitas vezes; 4- sempre), avaliando cinco dimensões fatoriais da Inteligência Emocional, quais sejam: empatia, sociabilidade, automotivação, autocontrole, autoconsciência. O instrumento avalia a frequência com que o sujeito apresenta, atualmente, os comportamentos descritos (QUEROZ, 2003).

IHS (Inventário de Habilidades Sociais de Del Prette e Del Prette, 2001): consiste em um questionário de 38 itens, cada um apresentando uma ação ou sentimento diante de uma determinada situação social. Os sujeitos devem indicar a frequência com que agem ou se sentem da maneira como está descrito em cada item. Para responder, é necessário preencher uma folha de respostas, onde consta uma legenda de uma escala tipo Likert, com cinco pontos, variando de (1) “nunca ou raramente”, até (5) “sempre ou quase sempre” (BANDEIRA et al, 2000, p.407).

Os instrumentos foram aplicados coletivamente aos sujeitos nas dependências da clínica escola da referida instituição, resguardadas as condições necessárias para evitar interferências durante o processo.

A análise de dados consistiu na correção dos instrumentos conforme manual dos mesmos e orientações dos autores. A partir da correção, foram obtidos os escores médios de cada sujeito em cada um dos instrumentos. Os escores foram analisados quanto à sustentação ou não da hipótese e compreendidos dentro do corpo teórico pertinente ao tema da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra obteve um bom escore geral nas habilidades do MIE e do HS. Quanto ao MIE, destaca-se que todos os sujeitos obtiveram bom escore no fator geral de

Inteligência Emocional (M= 2,87 em uma escala de 4 pontos), no fator empatia (M= 2,98) e também no fator Autocontrole (M= 2,54). Estes dados mostram-se relevantes, uma vez que bom desempenho em IE permite ao terapeuta identificar e compreender as emoções do cliente, assim como ajuda-lo a regular emoções disfuncionais. Quanto ao fator Empatia, esta é uma habilidade fundamental ao terapeuta, pois permite ao mesmo identificar os sentimentos, desejos, intenções, problemas, motivos e interesses dos outros, por intermédio da leitura e compreensão de comportamentos verbais e não verbais de comunicação. Por sua vez, quanto ao fator Autocontrole, esta habilidade permite ao terapeuta administrar os próprios sentimentos, impulsos, pensamentos e comportamentos que podem ser eliciados durante o contato terapêutico com o cliente, os quais poderiam interferir na qualidade do vínculo e procedimentos de terapia. Já os escores dos fatores de Autocontrole (M= 2,56), Sociabilidade (M= 2,70) e Autoconsciência (M= 3,05) foram os que se apresentaram mais baixos. Contudo, como a amostra consiste em estagiários de Psicologia, esses dados podem ser indicação para que essas habilidades podem sejam treinadas e melhoradas, por exemplo, com exercícios de relaxamento, ações voltadas para a comunidade que exijam o contato com o outro e que sejam incentivados à autoanálise e indicados a psicoterapia para que trabalhem a capacidade de lidar com os próprios sentimentos. Além disso, deve-se considerar o aspecto situacional da análise, isto é, variáveis situacionais como a ansiedade ou a distração podem afetar o resultado da avaliação.

Em relação à do IHS, pôde-se perceber que os sujeitos apresentaram em sua grande maioria um excelente repertório no fator geral de HS (M= 102,9) e em todos os fatores específicos (Enfrentamento e auto-afirmação com risco (M= 10,92); Auto-afirmação na expressão de sentimento positivo (M = 9,15); Conversação e desenvoltura social (M=7,18); Auto-exposição a desconhecidos e situações novas (M=4); Autocontrole da

agressividade(M=1,2)), prevalecendo os níveis de bom repertório a repertório bastante elaborado. Esses dados indicam que a amostra possui as habilidades necessárias para uma interação social habilidosa, as quais incluem: pró-atividade; habilidade comunicativa de forma clara, direta e completa; competências para fazer e recusar pedidos, elogiar, agradecer, desculpar-se; empatia; postura adequada à situação de interação; contato visual direto com o interlocutor; percepção adequada do ambiente; aparência física adequada à situação; dentre outros. Além disso, um bom escore em HS favorece relações interpessoais bem-sucedidas conforme as características de contexto particular (MURTA, 2005). Essas habilidades são fundamentais às características do contexto terapêutico, uma vez que este envolve uma relação de colaboração mútua entre terapeuta e cliente, envolvendo um misto de acolhimento, cuidado e direcionamento, além do manejo assertivo do terapeuta para orientar o cliente a realizar mudanças e aprendizagens. Porém, nos fatores Auto-afirmação na expressão de sentimento positivo e Conversação e desenvoltura social, cinco sujeitos apresentaram indicações para treinamento em HS. É importante ressaltar que a indicação de treinamento em HS pode ocorrer em relação a fatores independentes, isto é, o sujeito não precisará treinar todos os fatores de Habilidades Sociais, mas apenas aqueles no quais apresentou possível necessidade. Ademais, deve ser observada a dimensão situacional, as variáveis cognitivas e o tipo de habilidade para então concluir se há mesmo a necessidade de indicação a treinamento de HS em psicoterapia.

CONCLUSÕES

A aplicação do MIE e do IHS proporcionou uma visão acerca da Inteligência Emocional e das Habilidades Sociais de estudantes de Psicologia.

Tanto na escala MIE como no Inventário IHS, os resultados alcançaram o esperado. Vale lembrar que se esperou que

alunos de Psicologia apresentassem as características avaliadas pelos instrumentos uma vez que estas são necessárias para a atuação do Psicólogo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGÉLICO, A. P.; CRIPPA, J. A. de S.; LOUREIRO, S. R. Fobia social e Habilidades Sociais: Uma revisão da literatura. **Interação em Psicologia**, v. 10, n. 1, 113-125, 2006. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2.2.4/index.php/psicologia/article/view/5738/4175>>. Acesso em 15 Jul. 2013.
- BANDEIRA, M. et al. Qualidades Psicométricas do Inventário de Habilidades Sociais (IHS): Estudo sobre a estabilidade temporal e a validade concomitante. **Estudos de Psicologia**, v. 5, n. 2, 401-419, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 16 Mar. 2014.
- BITONDI, F. R.; SETEM, J. A importância das habilidades terapêuticas e da supervisão clínica: Uma revisão de conceitos. **Revista Uniara**, n. 20, 2007. Disponível em <http://www.uniara.com.br/revistauniara/pdf/20/revuniara20_16.pdf>. Acesso em 16 jul. 2014.
- CABALLO, V. E. O Treinamento em Habilidades Sociais. In: _____. **Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento**. São Paulo: Santos, 2003. Cap. 18, p. 361-368.
- CASTILHO, A. P.; BORGES, N. R. M.; PEREIRA, V. T. **Manual de metodologia científica**. Itumbiara: ILES/ULBRA, 2011.
- MURTA, S. G. Aplicações do Treinamento em Habilidades Sociais: Análise da produção nacional. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 2, 283-291, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 03 Mar. 2013.
- SIQUEIRA, M. M. M.; BARBOSA, N. C.; ALVES, M. T. Construção e validação fatorial de uma medida de Inteligência Emocional. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 15, n. 2, 143-152, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 14 Mar. 2014.

O CÂNCER DE MAMA SOB A VISÃO BIOENERGÉTICA

Suziani de Cássia Almeida Lemos¹, Hellen Kelly Melo Alcântara².

¹Psicóloga especialista em Gestão Pública da Saúde, coordenadora e docente do curso de Bacharelado em Psicologia no Instituto Luterano de Ensino Superior, Ulbra de Itumbiara-GO, suzianilemos@gmail.com. ²Aluna do 10º período do curso de Bacharelado em Psicologia do Instituto Luterano de Ensino Superior, Ulbra de Itumbiara-GO, hellen.kelly@hotmail.com.

RESUMO

Segundo o Instituto Nacional de Câncer (INCA), o câncer é responsável por 12% das causas de mortalidade mundial, ficando em segundo lugar no Brasil. É a partir de tal demanda que surge o interesse pela presente pesquisa, buscando compreender a relação entre os traços de personalidade e o desenvolvimento do câncer de mama. Para tanto, foi realizado um estudo de caso, correlacionando as informações coletadas ao longo de atendimentos psicológicos com a abordagem teórica proposta.

PALAVRAS CHAVE: Câncer; Bioenergética; Saúde.

INTRODUÇÃO

O termo Bioenergética teve origem a partir dos estudos de Wilhelm Reich, que se dedicou a compreensão dos aspectos corporais e energéticos associados à psique, desenvolvendo o que ficou posteriormente conhecido como Terapia Corporal (VOLPI; VOLPI, 2003).

Alexandre Lowen, um dos seguidores da teoria reichiana, foi responsável pela ampliação de tais estudos sobre a energia corporal e construção do método conhecido como Análise Bioenergética, que propõe uma visão integrada entre mente-corpo-emoção-razão, considerando a expressão corporal natural, assim como aspectos da personalidade e significados associados a tais expressões (OLIVEIRA; SILVA; ROLIM; 2013).

Na visão Bioenergética, Lowen afirma que toda doença é psicossomática, pois se manifesta através de duas vertentes

do organismo, a psique e o corpo, que se relacionam na dimensão energética. (NASCIMENTO, 2013).

Neste contexto, a presente pesquisa buscou compreender a visão Bioenergética do câncer de mama, que se destaca por sua classificação entre as demais neoplasias, sendo o segundo mais frequente mundialmente e o mais comum entre as mulheres. No Brasil a estimativa para o ano de 2014, válida também para 2015, é de 576 mil novos casos de câncer, onde o câncer de mama ainda se destaca entre as mulheres com 57 mil novos casos previstos (BRASIL, 2014).

Diante de dados tão impactantes torna-se relevante pesquisar a relação entre os traços de personalidade e o desenvolvimento de câncer de mama, abordando a seguinte problemática: qual a compreensão da Análise Bioenergética sobre o desenvolvimento de câncer na região da mama? Considera-se para tanto a hipótese de que os bloqueios energéticos representam um fator predisponente para o desenvolvimento de patologias como o câncer de mama.

O objetivo geral da pesquisa foi compreender a dinâmica psíquica e energética da mulher com câncer de mama e mais especificamente identificar uma possível relação entre os traços de personalidade e o desenvolvimento de tal patologia, buscando compreender os aspectos psicossomáticos da doença e a contribuição da Análise Bioenergética para a prevenção e tratamento do câncer. Para tanto foi realizado um estudo de caso, que possibilitou investigar a problemática levantada respeitando os aspectos éticos pertinentes as pesquisas que envolvem seres humanos.

METODOLOGIA

Para execução da pesquisa foi realizado um estudo de caso do tipo psicobiográfico. O estudo de caso é caracterizado por seu aspecto descritivo, de uma pessoa, grupo ou um ambiente com características particulares e pode envolver técnicas como a entrevista, a observação e outras pesquisas bibliográficas, resultando em um relato sucinto do conteúdo analisado. A psicobiografia é um tipo de estudo de caso, em que o pesquisador aplica seus conhecimentos sobre determinada teoria psicológica para compreender e/ou explicar a vida de outra pessoa (COZBY, 2009).

A pesquisa contou com a participação de uma paciente do sexo feminino, de 52 anos, que recebeu diagnóstico de câncer de mama há nove anos, sendo submetida a procedimento de mastectomia da mama esquerda há cinco anos. Foram realizados atendimentos gratuitos nas instalações do Centro de Psicologia Aplicada (CPA) do Instituto Luterano de Ensino Superior (ILES/ULBRA) entre os meses de agosto e outubro de 2015, com encontros semanais e duração de cinquenta minutos cada. Os atendimentos realizados foram supervisionados semanalmente pela orientadora da pesquisa.

Dentre os recursos utilizados para a coleta de informações estão: a anamnese, realizada de forma expandida ao longo dos atendimentos para coletar informações sobre o contexto histórico, social e médico da paciente, abordando questões como composição familiar, nível de escolaridade, rotina, classe social, aspectos pertinentes ao câncer de mama e observação clínica ao longo dos atendimentos.

Após o período delimitado para os atendimentos, foi feita a análise do conteúdo das sessões relacionando-o ao referencial teórico, objetivos e a problemática abordada, isto é, correlacionando os traços de personalidade apresentados pela paciente com os fatores considerados predisponentes para o desenvolvimento do câncer na região

da mama, conforme a concepção bioenergética.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de alcançar a discussão proposta, cabe apresentar a participante da pesquisa, aqui identificada pelo pseudônimo de Maria. A participante é casada há trinta e dois anos, possui uma filha de trinta anos que reside em sua companhia e um filho de vinte e seis anos, que reside em uma cidade próxima ao seu município.

Maria é graduada em Pedagogia e História. Em sua rotina trabalha na área de coordenação pedagógica em horário comercial, pratica pilates semanalmente e frequenta grupo religioso de “*auto conhecimento*” (sic) três vezes por semana.

A respeito do câncer de mama (CM), Maria relata que não estava acompanhada quando recebeu o diagnóstico, assim como não contou com a participação do marido ou dos filhos ao longo do tratamento, tendo como rede de apoio a mãe e alguns amigos. De acordo com a participante não há histórico familiar da doença. Maria se submeteu a dois anos de quimioterapia, uma mastectomia e mais cinco anos de tratamento oral.

Maria nunca recebeu acompanhamento psicológico, pois julgava desnecessário, afirmando receber apoio da família e amigos, “*estão fazendo de tudo por mim*” (sic). Contudo, a paciente relata ter notado sintomas depressivos após o diagnóstico, passando a fazer uso de medicamento antidepressivo desde o início do tratamento até hoje. Diz sentir-se fragilizada, “*fiquei mais sensível*” (Sic), costuma chorar facilmente e sente-se insegura no ambiente de trabalho.

No âmbito profissional, Maria relata a sobrecarga de trabalho, realizando atividades estressoras, visto que envolvem a coordenação dos demais profissionais, “*eu não estou dando conta*” (sic). Apesar de tal desconforto e insegurança a paciente não deixa de assumir responsabilidades, afirmando ser esta uma realidade frequente

em sua vida, “*eu não trabalho pra ser Maria, eu sou Maria porque eu trabalho*” (sic).

De acordo com Amorim e Siqueira (2014), alguns estudos classificam o estresse como fator predisponente para o desenvolvimento do câncer de mama, associado à capacidade de enfrentamento diante de conflitos emocionais. Pessoas deprimidas ou que experimentaram situações de estresse severo apresentam uma defesa imunológica reduzida, o que torna o organismo mais vulnerável ao câncer, visto que as células neoplásicas não serão eliminadas, gerando os tumores.

Maria verbaliza sua dificuldade em dizer “*não*” (sic), mesmo quando se trata de atividades ou compromissos que lhe desagradam. Relacionado a tal dificuldade cita o constante sentimento de culpa quando deixa de atender as exigências de alguém. Apresenta sintomas físicos com dor de cabeça, enjoo e forte irritação quando tem que optar entre atender ao pedido de alguém ou realizar sua vontade. Para evitar tal sentimento Maria costuma ceder, deixando de lado sua própria satisfação.

No relacionamento conjugal também é possível identificar reflexos de tal dificuldade. Maria diz ter perdido o “*encanto*” (sic) pelo marido, relatando inúmeras situações desagradáveis na convivência do casal e sua resistência em incluí-lo em seus planos. Apesar da insatisfação com o casamento, os conflitos permanecem estagnados, sendo silenciados pela rotina do casal e quando se propõe a refletir sobre uma possível separação menciona as implicações negativas, como a divisão dos bens e a dificuldade que as amigas têm para iniciar novos relacionamentos, logo opta por manter o relacionamento, “*pelo menos não durmo sozinha*” (sic).

Em um dos atendimentos a paciente relata ter acordado angustiada após um sonho, em que gritava com o marido durante uma discussão, afirmando sua vontade de se separar. Sempre que discutem o marido deixa a decisão a seu encargo, fato que lhe incomoda, contudo permanece calada. Maria

não gosta da ideia de ser responsável pela separação ou por colocar o marido para fora de casa e mais uma vez menciona o sentimento de culpa.

Em um estudo norte americano a respeito do comportamento de mulheres com câncer de mama foram apresentadas as seguintes características de personalidade: alexitimia, expressão facial mascarada (encobrendo emoções com expressão de felicidade), caráter masoquista, inibição sexual, conflito maternal hostil e sacrifício no relacionamento familiar (BARROS; OLIVEIRA, 2014).

No livro Bioenergética de Lowen (1982), o autor descreve o caráter masoquista como aquele que sofre, lamenta e permanece submisso, mas que por dentro vivencia sentimentos opostos como hostilidade e despeito.

Partindo de tal conceito, ao longo do relato de Maria é possível identificar algumas características pertinentes ao caráter masoquista, como a prevalência do comportamento submisso associado ao receio pela punição (LOWEN, 1982). Quando Maria atende a vontade do outro, ignorando sua própria vontade, age de forma submissa, que apesar de desagradável lhe protege do sentimento de culpa e do abandono.

No caráter masoquista o sujeito apresenta uma contenção interna severa, impedindo o fluxo de energia para os órgãos periféricos, comprometendo assim a sua expressividade (LOWEN, 1982). No caso apresentado a dificuldade de Maria em dizer “*não*” e de se expressar nas discussões com o marido condizem com a estrutura de caráter mencionada.

Os conflitos no relacionamento conjugal foram mencionados com mais frequência ao longo dos atendimentos, e refletem o conflito interno vivenciado pela participante. Segundo Lowen (1982), no caráter masoquista “o medo mais significativo é o de ser afastado dos relacionamentos familiares, provocadores de amor, embora sob certas condições” (p. 198).

CONCLUSÃO

Com base no que foi exposto, cabe retomar os objetivos propostos pela pesquisa.

Considerando o conceito reichiano de couraça muscular, que exerce uma função defensiva contra as experiências consideradas dolorosas e ameaçadoras para o sujeito, cada região corporal pode constituir uma zona específica de conflito entre soma e psique. (VOLPI; VOLPI, 2003)

Neste sentido, a forma como o sujeito administra sua pulsão energética se torna determinante para a saúde do organismo como um todo, assim como para o desenvolvimento de patologias. Para Lowen, a doença representa uma falha na estrutura de defesa do caráter do sujeito, causada por traumas em seu desenvolvimento (VOLPI; VOLPI, 2003). Sendo assim evidenciada a relação direta entre os traços de personalidade do sujeito e o adoecimento.

A respeito das contribuições da Análise Bioenergética para o tratamento e prevenção de doenças crônicas como o câncer, Lowen 1985 (apud BARROS; OLIVEIRA, 2014) afirma que os exercícios propostos por esta abordagem podem auxiliar no contato do paciente com o próprio corpo, aumentando sua motilidade e nível energético. Neste processo é possível combater o medo relacionado ao adoecimento, medo de “deixar acontecer”, que está diretamente associado à um bloqueio na descarga energética sexual. Este medo se faz presente também no falar e na constante necessidade de agradar os outros.

Em sua obra A biopatia do câncer Reich (2009) menciona o caráter multifatorial da doença e afirma que as mudanças patológicas no tecido ocorrem muito antes do surgimento da primeira célula cancerosa e por isso o tratamento não deve se limitar a região afetada pela doença. Desta forma, o tumor passa a ser uma simples manifestação tardia do desequilíbrio energético presente no organismo.

Reich (2009) esclarece que a prevalência do câncer nas regiões genitais e na mama representa uma comprovação da natureza sexual das biopatias. Mencionando

os altos índices de frigidez feminina o autor afirma que “o processo de câncer local é a manifestação de uma economia sexual perturbada do organismo. Consequentemente, a eliminação do câncer requer uma mudança radical de toda a higiene sexual da população”.

Por fim, cabe mencionar as estimativas do Instituto Nacional do Câncer (INCA), afirmando que a problemática do câncer continuará se expandindo, principalmente nos países em desenvolvimento, caso não sejam aplicadas medidas preventivas de forma mais ampla (BRASIL, 2014).

REFERÊNCIAS

AMORIM, Mary Anne Pasta; SIQUEIRA, Keila Zaniboni. Relação entre vivência de fatores estressantes e surgimento de câncer de mama. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 32, n. 79, p. 143-153, out./dez. 2014.

BARROS, Adriano de Souza; OLIVEIRA, Silvana Maria. De corpo e alma: a Análise Bioenergética na promoção de saúde do paciente oncológico. **Rev. Latino-Americana de Psicologia Corporal**. Ano 1, nº 2, outubro, 2014.

BRASIL, Instituto Nacional de Câncer. **Estimativa 2014: Incidência de Câncer no Brasil**. Rio de Janeiro: INCA, 2014.

COZBY, Paul C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Atlas, 2009.

LOWEN, Alexander. **Bioenergética**. São Paulo: Summus, 1982.

NASCIMENTO, Périson Dantas. **A clínica bioenergética do sofrimento orgânico**. In: Encontro Paraense, Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais XVIII, XIII, 2013. Curitiba: Centro Reichiano, 2013.

OLIVEIRA, G.F.; SILVA, R.C.A. e ROLIM, S.G. Análise Bioenergética: uma revisão sistemática da literatura. **Id on Line Revista de Psicologia**, vol.7, n.20, p. 75-96, Julho de 2013.

REICH, Wilhelm. **A biopatia do câncer**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

VOLPI, José Henrique.; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal: Um breve histórico**. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS NAS HABILIDADES SOCIAIS

Ednilson da Silva Oliveira⁽¹⁾, Hellen Mayana Silva⁽¹⁾, Ana Caroline Rimoldi de Lima⁽²⁾.

Discentes do curso de Bacharelado em Psicologia no ILES/ULBRA Itumbiara – GO, ednilson2@hotmail.com.
(2) Mestre em Psicologia da Saúde com ênfase nos Processos Cognitivos, Orientadora e Docente do curso de Psicologia do ILES/ULBRA Itumbiara – GO.

RESUMO – O presente trabalho teve como problema a ser investigado e analisado a seguinte questão: as interações virtuais em redes sociais podem prejudicar as habilidades sociais do sujeito? O objetivo geral relação entre as interações virtuais e as Habilidades sociais. Atentar a sociedade para a importância de se manter relações interpessoais tradicionais. Na área acadêmica psicológica, busca-se fornecer conhecimentos acerca dos eventos sociais e das relações nas redes no que diz respeito às interações entre pessoas na contemporaneidade. O tipo de pesquisa realizada foi a documental caracterizada por meios de opiniões e atitudes comparadas entre si e confrontadas com o referencial teórico. Coleta de dados na rede social, através de posts, principal resultado a possível influência da rede nos comportamentos de usuários.

PALAVRAS-CHAVE: comunidades virtuais, habilidades sociais, redes sociais, relações interpessoais.

INTRODUÇÃO

Com finalidade de conceituar as redes virtuais, os tipos de relacionamentos e a interação que se mantém através da pesquisa, citamos Recuero (2008), que sintetiza os elementos formadores de comunidades virtuais da seguinte maneira: discussões públicas; pessoas que se encontram e reencontram; mantêm contato através da internet; o tempo; e o sentimento. Sendo que a combinação destes é responsável pela formação da rede.

Segundo Dal Belo e Rocha (2012) que se utilizam do trabalho Bauman (2004), a proximidade virtual parece ser a separação entre comunicação e relacionamento, manter-se conectado e menos custoso que estar em um relacionamento. Porém, este acaba sendo bem menos produtivo em termos de construção e manutenção de vínculos.

A ampla adesão às redes sociais é decorrente de uma cultura narcisista característica da contemporaneidade, que se usa do outro como audiência. Neste contexto, as redes apelam de forma subjetiva para a celebração do eu mais do que propriamente das relações, onde o outro só interessa na medida em que responde a essa necessidade de auto exposição. O usuário acaba por assumir o status de sujeito, este se descreve por meio de seu perfil próprio, assemelhando-se a um objeto de desejo e consumo, ao lado da publicidade e de outros produtos exibidos na janela informacional de cada perfil (DAL BELLO; ROCHA, 2012).

Sabendo o que são as redes virtuais e a forma que seus usuários interagem através da mesma, partimos em seguida para o foco da pesquisa que foi o de analisar as formas de interação entre usuários e sua possível influência, através do comportamento destes nas redes sociais.

Com a finalidade de analisar os comportamentos comunicativos e as interações nas redes virtuais, conceituamos habilidades sociais, sendo que o comportamento socialmente habilidoso implica, nas seguintes capacidades: iniciar e manter conversações; falar em grupo; expressar amor, afeto, agrado; defender os próprios direitos; solicitar favores; recusar

pedidos; expressar as próprias opiniões ou desacordos; saber desculpar-se ou admitir falta de conhecimento; pedir mudança no comportamento do outro e saber receber críticas. Sendo que as situações onde estas respostas comportamentais possam ocorrer são diversas como: ambientes familiares, de trabalho, de consumo, de lazer, de transporte público, etc. (Silva, 2002)

Habilidades Sociais (HS) são capacidades de uso intrínseco do indivíduo estando este apto a expressar repertório vasto e variável de classes de comportamentos sociais adequados às demandas de cada situação e contexto (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001).

Muitos às sintetizam como uma habilidade capacitável e sob controle do indivíduo de manutenção de relações interpessoais nas emissões de comportamentos reforçadores positivos e/ou negativos como sentimentos, emoções, preferências e com aptidão de evitar punições e/ou extinções, de modo que, não apresente como resultado perdas de reforço social, satisfazendo assim, os desejos próprios sem negar os direitos de outros (CABALLO, 2010).

Para responder a problemática elaborada no presente trabalho e alcançar os objetivos propostos através dos conceitos apresentados tanto de redes sociais virtuais quanto dos comportamentos de seus usuários, foram de suma importância à análise dos posts encontrados na página da Veja através do Facebook, entre os dias 30 e 31 de agosto de 2015.

METODOLOGIA

A pesquisa é classificada como documental conceituada segundo Lakatos e Marconi (1992), como observação direta e extensiva por meio de medidas de opinião e atitudes – podendo assegurar a equivalência de diversas opiniões e atitudes comparando-as entre si e com teoria fundamentada.

O tema escolhido foi política, visto a repercussão atual do mesmo no país, foram coletados os comentários de dois posts de cada dia sobre as manifestações políticas contra o atual governo na página virtual facebook.com/Veja entre o período de 30 a 31 de agosto de 2015. Os títulos do dia 30 foram Alckmin: Temos que nos livrar dessa praga que é o PT; 'Lula Inflado': patrulha petista tumultua protesto contra o governo na Av. Paulista; No dia 31 de agosto: 'Bicicleta pode quebrar', diz ministro do TCU sobre pedaladas do governo; Dilma, a mulher mais cara do Brasil;

Os comentários foram selecionados a partir da seguinte maneira: os primeiros que abriram após clicar na opção "visualizar mais comentários" logo abaixo do post e que em média era de 50 a 60 comentários foram selecionados, além, daqueles que estavam contidos entre os primeiros e que obtiveram respostas dos internautas também foram selecionados, com a finalidade de observar o início e manutenção de conversas ou crítica/defesa/ataque a alguns comentários feito anteriormente. A análise dos comentários foi realizada com base no referencial teórico coletado, separados e classificados conforme o teor do comentário.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fazer pedidos se encontra entre as habilidades sociais encontradas no posts, pedidos como: "democracia direta já"; "não precisamos de mais impostos, precisamos de mais empregos, mais arrecadação e aumentar a movimentação da economia no país"; "(...) tragam nossas divisas de volta, recuperem nosso dinheiro desviado, gastem menos, cortem gastos, tenham vergonha na cara!!!"

Pode se observar que os mesmos são feitos de forma exigente e até mesmo agressiva, conforme descreve Caballo (2001), há pessoas agressivas que podem ser comportar de maneira hostil, coerciva e

exigente ao fazer um pedido ressentido quando o mesmo é recusado. A agressividade dos pedidos se deve a insatisfação política, a corrupção no governo e a incapacidade do povo de tomar medidas eficazes.

Segundo Caballo (2010) para iniciar uma conversa deve se dizer algo e logo perguntar a pessoa seu ponto de vista sobre o tema. Neste quesito, observou-se apenas algumas críticas feitas relacionadas aos temas abordados nos posts onde algumas receberam respostas de reforço, ou opiniões semelhantes ou mesmo contrárias. O autor menciona ainda que compartilhar pensamentos e opiniões, discutir sentimentos e impressões mútuas são formas de manter uma conversa. A expressão de sentimentos ou opiniões são frequentes no posts, porém, de modo geral não tem relação direta com o comentário de outro usuário, mas apenas com o post em si.

Comentários de incômodo, desagrado e desgosto são os mais frequentes nos posts. Em geral eles dizem respeito à pessoa da Dilma, do Lula e do PT. São xingamentos, comparações pejorativas, além, de acusações. Caballo (2010) cita que quando incomodados ou desgostosos, com uma pessoa ou situação temos o direito de nos manifestarmos de forma socialmente adequada esse sentimento não sendo agressivos, evitando humilhar ou rebaixar a pessoa. Por meio dos comentários percebeu-se o contrário nas manifestações de desagrado e incômodo dos usuários.

As críticas ou ataques geralmente são voltadas a gestão do atual governo, aos eleitores do PT, a corrupção, aos impostos, ao presidente Lula que sendo metalúrgico e possuindo baixa escolaridade se tornou presidente. As críticas não seguem os conceitos expostos por Caballo (2010) segundo o autor, estas deveriam conter discussões dos diferentes ou semelhantes pontos de vistas, fossem finalizadas e que houvesse interação entre usuários. Nestas é quase inexistente a interação entre

usuários, existe poucas críticas bem construídas e argumentativas. Algumas recebem reforço dos demais usuários, todavia, não há debate de ideias entre eles. De modo geral, são destrutivas, ou acrescentam muito pouco valor prático, tanto na mudança de concepção dos demais usuários, quanto nas medidas possíveis a serem adotadas pelo governo e principalmente, usuários da rede. Apenas algumas poucas críticas apresentam um conteúdo diferente e construtivo.

Segundo Del Prette e Del Prette (2001) somos cotidianamente expostos a demandas de situações sociais, e à decodificação dos sinais sociais, sejam eles, explícitos ou sutis para determinados desempenhos. A capacidade de selecioná-los e a decisão de emití-los ou não, são exemplos de HS aprendidas para lidar com essa demanda.

Nesse contexto Silva (2002) afirma que o comportamento socialmente habilidoso ou mais adequado se refere à expressão, pelo indivíduo, de atitudes, sentimentos, opiniões, desejos, respeitando a si próprio e aos outros, existindo, em geral, resolução de problemas imediatos e diminuição de probabilidade de futuros, o que por sua vez não foi verificado. Os diálogos são, muitas vezes, desrespeitosos, unilaterais, com poucas sugestões eficazes para melhoria futura ou resolução de problemas.

CONCLUSÃO

Conforme o problema estabelecido, de que as redes sociais podem prejudicar as habilidades sociais do sujeito, foi possível chegar à conclusão de que os usuários da rede social de modo geral interagem relativamente pouco entre si, pois, geralmente postam aquilo que pensam ou sentem com relação a um tema ou situação específico, sem dar relevância ao que outros usuários postaram antes, fazendo poucos "ganchos" ou "apanhados" das falas ou expressões já utilizadas.

Ao analisar os comentários e a forma que são elaborados, percebeu-se de modo geral que estes possuem habilidades sociais pobres quando se comunicam ou se expressam na rede. Este fato se deve a observação de poucas iniciações e manutenção de conversas entre si, poucas críticas são elaboradas de forma construtiva e bem fundamentadas num contexto amplo, os ataques são dispersos, visto que às vezes são ao atual governo, a Dilma, ao Lula e às vezes relacionados a outros personagens de destaque relacionados à corrupção no governo.

A camuflagem oferecida pela rede permite que os usuários postem qualquer coisa, desde xingamentos, críticas, comparações pejorativas tanto ao governo quanto a seus eleitores, acusações, pedidos de justiça entre outros.

De modo geral todos os comentários são voltados à demonstração de insatisfação, desagrado ou desgosto. Em um dos posts, um usuário defende o PT sendo seu comentário seguido de duras críticas e até mesmo xingamentos dos demais.

A revista eletrônica por sua vez, tem sua parte de responsabilidade na insatisfação demonstrada pelos usuários através do conteúdo de seus comentários, visto que geralmente estes são elaborados de forma a gerar indignação, formar opiniões e atacar de forma indireta o atual governo. Desta forma é perceptível a repercussão que as informações referentes ao tema política geram nos usuários.

Desta forma, conclui-se que no decorrer dos posts, as habilidades sociais são pouco exploradas por seus usuários conforme apresentadas pelo autores utilizados na construção do presente trabalho. De forma indireta, este fato se deve ao individualismo com que são feitos ao expressar ideias ou sentimentos, já que não há outros usuários para contradizer, criticar, atacar ou defender um ponto de vista diferente daquele expresso pelos usuários. Sendo assim, estes se manifestam

de qualquer forma algumas vezes até de maneira agressiva.

Conclui-se também que o canal onde a notícia é divulgada, seu tema e a forma de ser apresentada influencia bastante na maneira com que a notícia será recebida por seus leitores. Supõe-se então a partir desta pesquisa, que ao pesquisar outras páginas na mesma rede social virtual com temas, público e objetivos diferentes, além de informar ou formar opiniões, estas podem gerar diferentes sentimentos ou manifestações por parte daqueles que se utilizam do mesmo.

REFERÊNCIAS

CABALLO, Vicente E. **Manual de Avaliação e Treinamento das Habilidades Sociais**. São Paulo: Santos, 2010.

DAL BELLO, Cíntia; ROCHA, Debora. A Projeção do Sujeito como Objeto de Desejo e de Consumo nas Redes Sociais Digitais. **II SIEP Consumo**: SP, 2012.

DEL PRETTE, Almir. DEL PRETTE, Zilda A. P. **Psicologia das Relações Interpessoais: Vivências para o Trabalho em Grupo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LAKATOS, Eva. MARCONI, Marina de. **Metodologia do Trabalho Científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. Rev. e amp. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

RECUERO, Raquel. Comunidades em Redes Sociais na Internet: um estudo de caso dos fotologs brasileiros. Rio de Janeiro: **Liinc em Revista**, v.4, n.1, 2008.

SILVA, Alessandra. **Habilidades Sociais: Breve Análise da Teoria e da Prática à Luz da Análise do Comportamento**. Bauru, SP: **Interação em Psicologia**, 2002.